

DESENVOLVIMENTO E CULTURA AUDIOVISUAL: uma análise dos Festivais de Cinema da Paraíba

Mariana Quirino Fechine¹

José Luciano Albino Barbosa²

Universidade Estadual da Paraíba

RESUMO

Em um cenário nacional e regional efervescente quanto à produção de obras audiovisuais, a Paraíba vem se destacando não somente pela sua produtividade, mas também pela notoriedade alcançada através dos Festivais de Cinema realizados no Estado. Atualmente, contabilizando dezessete eventos deste tipo, em doze cidades paraibanas, inúmeras pessoas são atraídas; movimentando não somente a economia local, como também a produção artística e o turismo. Este artigo é parte integrante de uma pesquisa de campo (mestrado), desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade Estadual da Paraíba, que analisou os impactos sócio-econômico-culturais da realização desses Festivais de Cinema. E que observou, sobretudo, as articulações e dinâmicas desses eventos como um elo da Cadeia de Produção Audiovisual Paraibana e uma importante ferramenta para o desenvolvimento, a difusão de saberes e divulgação do setor no Estado.

Palavras-chave: Desenvolvimento. Cultura. Cinema. Paraíba

INTRODUÇÃO

Nos últimos vinte anos o Governo Federal do Brasil vem desenvolvendo políticas públicas de incentivo e fomento à produção cinematográfica, sejam estas através de leis de incentivo fiscal ou programas de valorização à cultura. Como resultado desses avanços no setor audiovisual, temos o aumento significativo da produtividade em todas as regiões país – seja quanto a: produções, exibições, promoções e/ou capacitações desenvolvidas – que Oricchio (2003) define como o Cinema de Retomada.

Inseridos nesse contexto, dois diferentes grupos de produção e pesquisa em torno do audiovisual brasileiro podem ser delimitados, sendo eles: a cadeia comercial e a cadeia alternativa. A primeira delas é composta, em sua maioria, por longas-metragens, produzidos por grandes produtoras e estúdios, com temáticas voltadas para as grandes massas e exibidos na maior parte dos cinemas do país. Enquanto a cadeia alternativa, tem como destaque em suas produções, longas,

¹ Mestre em Desenvolvimento Regional pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: marianafechine@gmail.com

² Orientador do trabalho: Doutor em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: lucianoalbino@yahoo.com.br

médias e curtas-metragens, produzidos através do formato independente, com temáticas experimentais e exibidas em festivais de cinema por todo o país.

Funcionando como a principal janela de divulgação dessa produção alternativa os festivais de cinema vem obtendo destaque no cenário nacional e de acordo com dados do Diagnóstico Setorial, realizado entre os anos de 2006 e 2009, duzentos e quarenta e três festivais haviam sido realizados. Já ao analisarmos especificamente os eventos que aconteceram no Nordeste do Brasil, os números mostram vinte festivais nessa região, Leal (2011). Entretanto, observa-se que após sete anos da obtenção de dados para este diagnóstico o cenário encontra-se ainda mais produtivo, em que podemos identificar dezessete festivais apenas no estado da Paraíba.

Essa ampliação na realização de eventos que promovem o cinema e o audiovisual na Paraíba, resulta não somente das características contextuais supracitadas, mas também da expansão da cadeia de produção cinematográfica e da presença histórica desta arte no Estado.

Partindo da hipótese de que há uma relação de retroalimentação entre cinema e sociedade podemos identificar que para que haja a manutenção e perpetuação das atividades culturais em um determinado local, faz-se necessária a compreensão, identificação e valorização das mesmas, por parte da sociedade local e dos próprios integrantes da cadeia de produção audiovisual Paraibana.

Este artigo, este é parte integrante de uma pesquisa de campo (mestrado), desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba, que analisou os impactos sócio-econômico-culturais da realização dos Festivais de Cinema da Paraíba. E que observou, sobretudo, as articulações e dinâmicas desses eventos como um elo da Cadeia de Produção Audiovisual Paraibana e uma importante ferramenta para o desenvolvimento, a difusão de saberes e divulgação do setor no Estado.

Assim, os tópicos que se seguem apresentam um apanhado teórico e/ou bibliográfico que abordam desde as relações entre desenvolvimento e cultura, passando pelos conceitos de economia cultural, até uma descrição histórica do processo de criação de um mercado de divulgação cinematográfica alternativa, através dos festivais de cinema, na Paraíba.

1 AS APROXIMAÇÕES ENTRE DESENVOLVIMENTO E CULTURA

Voltadas inicialmente para as análises quantitativas e econômicas, as teorias do desenvolvimento começaram a ser construídas após a Segunda Guerra Mundial, tendo os Estados Unidos e sua potência industrial como parâmetro mundial. Com o avançar dos anos, o surgimento das teorias neoliberais e o desenvolvimento desigual, viu-se a necessidade de uma abordagem que

enfatusse o social; e é neste sentido que na década de 1980 Max Neff defende que o desenvolvimento se refere às pessoas e não aos objetos, elaborando a Teoria do Desenvolvimento Humano, Coriolano e Sampaio (2012).

A partir disto, inúmeros foram os conceitos de desenvolvimento surgidos e numerosos os termos agregados a este; surgiam assim: o desenvolvimento territorial, local, regional, sustentável, ambiental, rural, cultural, social, entre outros. Para esta pesquisa, trabalhamos com os conceitos de desenvolvimento territorial e local, como veremos a seguir.

Isso porque, ao abordar a relação entre os festivais de cinema e o desenvolvimento, sob a perspectiva territorial³, busca-se enfatizar os resultados das ações destes eventos em um determinado local, sem necessariamente utilizar os limites político-geográficos definidos, através dos sítios simbólicos de pertencimento, (ZAUOAL, 2008, p.5).

A principal mudança que podemos destacar nessa visão ampliada de desenvolvimento é o distanciamento do pensamento unicamente economicista e industrialista. Através desta, também são levados em consideração aspectos sociais, políticos e culturais, que contribuem de forma substancial para o processo de desenvolvimento de uma localidade.

Ainda podemos acrescentar a essa relação de retroalimentação, entre a sociedade local e os festivais de cinema, o que Barquero (2007) defende por desenvolvimento autônomo, onde cada território, a partir de seus grupos, identidades e culturas, mobiliza a população e sua produtividade, através dos seus atores locais e sociais. Estes atores por sua vez deverão atuar em sociedade com liberdade, Sen (2010), já que esta pode ser considerada um elemento constitutivo e “também um determinante principal da iniciativa individual e eficácia social”, Sen (*Idem*, p. 33).

Percebe-se então que independente do objeto de estudo analisado sob o viés do desenvolvimento territorial, características como: reconhecimento, valorização sociocultural, participatividade, interação e significação; deverão ser considerados elementos que colaboram não somente com a formação local, mas também social. Assim, valores imateriais podem ser transformados em valores econômicos, através da cultura e da natureza, por exemplo, Brasileiro (2012).

Após estas delimitações teóricas e conceituais aplicadas à pesquisa, o tópico que se segue, apresenta de forma mais pontual uma outra perspectiva sobre as aproximações entre os conceitos de desenvolvimento e cultura, dessa vez sob um ponto de vista mercadológico, que se constrói através da economia da cultura.

³ Alguns autores utilizam o conceito de desenvolvimento local e/ou regional, entretanto optou-se pelo conceito territorial pela flexibilização dos locais estudados.

2 ECONOMIA CULTURAL

A partir dos conceitos que definem o desenvolvimento como algo além do crescimento econômico, será apresentado neste tópico, o conceito de economia da cultura que, de forma pontual e específica, une e aproxima a cultura dos aspectos mercadológicos e de desenvolvimento nos seus sentidos mais amplos. Isto porque a economia cultural se apresenta como uma perspectiva voltada a compreensão da cultura e seus produtos culturais, como algo que se configura além dos seus limites simbólicos e pode se posicionar de modo significativo no mercado de bens e consumo. Para tanto, a cultura “tem que ser observada a um só tempo como um processo cumulativo e como um sistema. É algo que goza de coerência e que não se explica em sua totalidade pelo significado isolado de suas partes em razão dos efeitos de sinergia”, (FURTADO, 2012, p.110).

De acordo com Lopes (2014), a aceitação e compreensão da movimentação econômica através da cultura é uma abordagem que pode ser considerada recente. Já que a construção de uma teoria que se apresentasse como um desvio da essência do fazer cultural, por muito tempo, foi vista como algo que não acrescentaria às discussões econômicas.

Mesmo com, e até mesmo por causa das discussões e conceituações surgidas na época da “Indústria Cultural de Frankfurt”, observa-se que o caminhar conceitual pretendido e executado pelos teóricos que definem a economia cultural atualmente, é mais amplo e complexo, já que:

Os economistas culturais têm dado um outro olhar para os diferentes tipos de valores econômicos e não econômicos da arte e cultura identificados metodologicamente com a Economia Política. Investigam as mudanças nos conglomerados de indústrias culturais analisando a influência no conteúdo e/ou na diversidade cultural. Um conjunto de estudos recentes tem trabalhado em uma teoria que auxilie no entendimento de como as mudanças econômicas poderiam influenciar como arte e cultura são produzidas e experimentadas no dia a dia. (CONSEJO NACIONAL DE LA CULTURA Y LAS ARTES DE CHILE, 2003 *apud* LOPES, 2014.)

Assim, ao analisar a cultura por este viés, reafirma-se o papel social que a mesma tem e ainda crescendo à este fato, as características mercadológicas e econômicas que não apenas favorecem a compreensão de índices quantitativos, mas também são de fundamental importância para divulgação, expansão e perpetuação de saberes artístico-culturais. Os produtos culturais podem ser inseridos no mercado de uma forma melhor e mais planejada, os resultados obtidos com essa inserção também tem a possibilidade de uma análise mais estruturada, podendo suscitar em uma série de discussões teóricas e práticas:

Ao restituir à cultura seu valor econômico, a economia da cultura lhe garante um lugar de peso na mesa de negociações multilaterais, nos debates sobre alocação de orçamentos públicos e promove o envolvimento do setor corporativo nas questões culturais [...]. Assim, entram em jogo as roldanas que fazem a cultura transitar com desenvoltura também pelos meandros econômicos: metodologia de avaliação do impacto econômico da cultura na geração de riqueza e empregos; valor do capital cultural; participação no mercado; direitos de propriedade intelectual; justificativas para a interferência estatal no mercado; impactos dos acordos multilaterais nas relações sociais e na preservação das expressões culturais de um povo. (REIS, 2006, p. 8-9)

Desse modo, a partir da interpretação fornecida pelos conceitos da economia cultural, é possível observar, duas esferas ou dimensões de transmissão de valores ligadas aos produtos culturais; a primeira delas ligada ao valor mercadológico (preço) e a segunda voltada a transferência de valores (saberes). Sendo a partir da compreensão, solidificação e interligação dessas esferas que uma mercadoria atingirá seu ápice, (REIS, *Idem*).

É neste ponto que se evidencia a ligação dessa conceituação com as concepções de desenvolvimento apresentadas no tópico anterior, pois, somente através de uma construção sócio-político-econômica-cultural articulada e que se preocupe com as dimensões particulares de cada local, é que podem ser alcançados resultados satisfatórios.

De acordo com Furtado, esta união pode ser ainda, uma saída ao subdesenvolvimento e um passo importante para o fortalecimento do desenvolvimento endógeno em determinados locais. a partir do momento em que uma “política de desenvolvimento deve ser posta a serviço do processo de enriquecimento cultural” (FURTADO, 1984 p.32).

Especificamente no que diz respeito à aplicação dessas teorias no setor cultural brasileiro atual, os autores Durand (2007) e Tolila (2007) possuem um posicionamento teórico próximo; de que não é mais possível que um país com uma vasta variedade cultural, tal como o Brasil, se posicione frente às manifestações artístico-culturais de modo desestruturado e/ou desconsiderando o retorno sócio-político-econômico oferecido pelas mesmas.

Embora o panorama cultural brasileiro tenha sido ampliado nos últimos vinte anos, ainda há muito a evoluir em diversos setores para que possamos afirmar que há no país uma economia da cultura consolidada e eficiente. Como exemplo dessa estrutura ainda frágil, temos a lacuna na exibição dos materiais audiovisuais produzidos no país, que se aproxima da discussão feita nesta pesquisa sobre os filmes da cadeia alternativa e os festivais de cinema da Paraíba, em específico.

3 ASPECTOS HISTÓRICOS DO CINEMA NA PARAÍBA

Para a compreensão da proliferação de eventos audiovisuais na Paraíba, faz-se necessária uma breve apresentação da chegada do cinema na Paraíba. Isto porque, este processo foi de substancial importância para a consolidação da cadeia de produção audiovisual da Paraíba e dos festivais de cinema no estado - objetos de estudo desta pesquisa.

Seis meses após a chegada do cinema no Brasil, foi no ano de 1897, durante a festa de Nossa Senhora das Neves, que a então capital paraibana, Parahyba, recebeu através do italiano Nicola Maria Parente, a primeira exibição cinematográfica, (Leal, 2007).

Após o período de aceitação e integração da arte cinematográfica, tem início na Paraíba, o processo de criação e produção artística nesta área, que acontecia nos anos 20 através do fotógrafo Walfredo Rodrigues e do seu filme “Sob o céu nordestino”, considerado primeiro longa-metragem do Estado, Holanda (2008). Eis que então, nas décadas seguintes, através do movimento “Cinema Novo”, o Nordeste passa a ter notoriedade como temática (ainda que estereotipada) e cenário para a produção nacional, Leal (1982).

Em meio a esta produtividade brasileira e a notoriedade do Nordeste, tem início na Paraíba, através do documentário Aruanda⁴ e da criação do NUDOC⁵, a profissionalização e expansão da produção cinematográfica, Bastos (2009). Durante este período, pôde-se observar a ampliação da produtividade, assim como a preocupação na obtenção de conhecimentos técnicos e específicos sobre cinema, com o objetivo de intensificar a produção paraibana neste setor.

Durante toda a história da produção audiovisual da Paraíba, houve períodos de lacunas nos quais poucas obras foram produzidas e por sua vez, não obtiveram notoriedade frente a sociedade. Uma destas lacunas foi a década de 90, que somente com a chegada do curso superior de Arte e Mídia (UFPG), no início dos anos 2000, pôde ser minimizada, alavancando um processo de produção de curta metragens no Estado⁶.

Nos últimos anos, dezenas de vídeos foram produzidos por alunos desta instituição, ficções e documentários, a maioria curta metragem e com diretrizes estéticas experimentais. Esse acontecimento trouxe uma efervescência à produção de vídeos digitais na cidade, que ultrapassou as fronteiras do curso. (GAUDÊNCIO, 2007, s.p.)

4 Produzido por Linduarte Noronha no início dos anos 60, é considerado o filme marco na história do cinema paraibano, pela sua expressividade e proposta de estudo e demonstração da cultura local, (Leal, 1982).

5 O Núcleo de cinematografia da UFPB surge com o intuito de documentar a realidade social da Paraíba e da região nordestina para que, a partir dos registros, houvesse uma reflexão mais sistêmica das condições sociais e de vida dos indivíduos residentes no Nordeste, em especial, na Paraíba. (Bastos, 2009, p. 55).

6

A partir do crescimento da produtividade audiovisual observado no estado durante esse período, surgiu a necessidade de divulgação e promoção dos vídeos produzidos; e com isso os festivais de cinema na Paraíba, tais como: Fest Aruanda (João Pessoa), Comunicurtas (Campina Grande), Curta Coremas (Coremas), Cinema com Farinha (Patos), Cine Congo (Congo), Farcume Brasil (Boa Vista), entre outros.

Observa-se, assim, não apenas a possibilidade de profissionalização e disseminação⁷ da cultura audiovisual em diversas regiões do Estado da Paraíba, mas, sobretudo, o ressurgimento de uma identificação com a produção, compreensão e recepção de conteúdos artísticos deste tipo⁸.

No entanto, foi a partir dos anos 2000 que o audiovisual, enquanto categoria profissional conseguiu ampliar seu alcance no estado como um todo, além de dimensionar suas ações e sua cadeia produtiva tanto na produção, quanto na formação, fomento e fruição do fazer audiovisual. O processo de interiorização, [...], agora adentrava em outras searas como a organização de festivais, a regularização de cineclubes, a implantação de projetos descentralizados da capital João Pessoa e aos intercâmbios entre profissionais da capital e do interior do estado. (CANUTO, 2014, p.46).

Assim, ó tópico que se segue descreverá de maneira mais pontual, os festivais de cinema da Paraíba, suas dinâmicas e articulações.

4 OS FESTIVAIS DE CINEMA PARAIBANOS

Como podemos observar acima, nos últimos anos o estado da Paraíba vem expandindo o seu potencial produtivo, cenográfico⁹ e de circulação audiovisual. Destacando-se não apenas pelas obras fílmicas produzidas no Estado¹⁰, mas, também, pela realização de Festivais de Cinema – eventos que funcionam como uma das principais janelas de divulgação da cinematografia na atualidade. Isto porque o Estado insere-se em um contexto nacional de aumento produtivo e ainda integra o fenômeno conhecido como o “boom dos festivais de cinema no Brasil”, observado a partir do final da década de 1990, (LEAL, 2008).

Funcionando como elos divulgação e exibição das produções audiovisuais realizadas pela Cadeia de Produção Audiovisual Paraibana – aqui definida como todo o conjunto de ações, locações, profissionais, mercadorias e divulgações desenvolvidas com a finalidade de produzir e

7

8 Ressaltando o fato de que as dinâmicas de produção audiovisual na Paraíba, são voltadas para a cadeia de produção alternativa, em que destacam-se médias e curta metragens de caráter experimental.

9 Nesse sentido, destaca-se o município de Cabaceiras e as belezas do semiárido paraibano mostradas através do Lajedo de Pai Mateus, bem como outros municípios que começam a exercer tais funções.

10

exibir filmes (curtas, médias ou longa metragens) no estado da Paraíba – estes festivais suprem as necessidades e lacunas existentes no cinema brasileiro (em particular no cinema paraibano), no que diz respeito à exibição das obras nacionais pertencentes a cadeia alternativa e/ou independente (definida anteriormente); e ainda divulgam e promovem as localidades em que acontecem.

De acordo com o mapa do panorama do audiovisual paraibano apresentado por Canuto (2014) é possível estabelecer uma relação direta e de coexistência destes eventos com as mostras e os cineclubes presentes em diversas cidades paraibanas - do sertão ao litoral. Reafirmando o cenário efervescente na Paraíba, em que se observa a aceitação social à sétima arte e através dos quais se consolida um painel e/ou objeto de estudo amplo e complexo, passível de diversas análises e interpretações.

A partir dessa compreensão unificada de realização de atividades cinematográficas na Paraíba, serão abordados e destacados, neste trabalho, os festivais de cinema como: um segmento articulado, estratégico e produtivo do setor audiovisual que revela “vitalidade tanto nos aspectos artístico-culturais quanto econômicos e sociais”, (LEAL, 2008, p.16).

O processo de surgimento e realização dos Festivais de Cinema da Paraíba inicia-se em 2005, com o “Festival Aruanda”, realizado na cidade de João Pessoa. Atualmente, somam-se dezessete eventos na Paraíba, como explicitado na Tabela 1, acontecendo em cidades de pequeno, médio e grande porte.

Tabela 1 – Festivais de cinema da Paraíba

ANO DE CRIAÇÃO	NOME	CIDADE
2005	FESTIVAL ARUANDA	JOÃO PESSOA
2006	COMUNICURTAS	CAMPINA GRANDE
2007	CINEMA COM FARINHA	PATOS
2007	CINEPORT	JOÃO PESSOA
2007	JAMPA FILM FESTIVAL – SESC PB	JOÃO PESSOA
2009	CINE CONGO	CONGO
2011	CURTA COREMAS	COREMAS
2011	CURTA CUITÉ	CUITÉ
2011	FESTIVAL DE MINI MÍDIAS	ALAGOA GRANDE
2011	FESTIVAL DO MINUTO DO CARIRI PARAIBANO	MONTEIRO
2012	SAGI/CAMARATUBA CINE	MATARACA/SAGI
2013	FESTIVAL MÓBILE	JOÃO PESSOA
2013	MOSTRA SESC PB DE CINEMA PARAIBANO	JOÃO PESSOA
2014	CURTA PICUÍ	PICUÍ
2014	FESTISSAURO	SOUSA
2014	FARCUME	BOA VISTA
2016	CINE PARAÍSO	JURUPIRANGA

FONTE: Elaborado pelo autor, 2015.

Percebe-se que os festivais acontecem em cidades de diversas regiões do Estado que, por sua vez, possuem economias, culturas e arranjos políticos distintos e diversos – a exemplo da cidade do Congo, com apenas 4.500 habitantes *versus* João Pessoa com cerca de 750.000 habitantes (IBGE, 2013). E ainda, que o ano de 2011 foi o período mais produtivo, no que diz respeito ao número de novos festivais realizados.

Outro dado significativo quanto à presença destes eventos na Paraíba refere-se à interiorização da cultura audiovisual, já que, pela realização dos festivais em diversas cidades distantes da capital (João Pessoa), é proporcionado um processo migratório interno e cultural diferente do que pode ser observado normalmente no Brasil. Já que na maioria das vezes, o fluxo cultural segue da capital para o interior e através destas articulações produtivas do audiovisual paraibano, o cinema chega até o interior.

Esta perspectiva torna-se ainda mais importante a partir do momento em que se observa que das doze (12) cidades paraibanas em que acontecem os festivais, apenas três (03¹¹) possuem salas de cinema convencional – referente a 25% dos municípios. Assim, a exibição de filmes em eventos competitivos torna-se não apenas uma alternativa, mas uma das principais formas¹² de se ter acesso à cultura audiovisual.

Por este motivo verifica-se uma preocupação com a transmissão de conteúdos complementares à exibição. Durante os eventos do audiovisual, exhibe, não somente filmes, mas, sobretudo o compartilhamento de saberes, a ampliação das atividades culturais e até mesmo a construção de um espaço de discussão e luta por melhorias no setor. Contribuindo, assim, não somente com a formação de plateias e a consolidação da Cadeia Audiovisual Paraibana, mas também colaborando para a firmação dos espaços dos festivais como um ambiente e/ou território de valorização e desenvolvimento cultural.

Apesar de todas as características citadas, neste tópico e nos anteriores, que demonstram e colocam a cultura com um vetor para o desenvolvimento, este ponto de vista não é percebido por boa parte dos gestores, comerciantes e até mesmo pela própria sociedade paraibana. Fazendo com que a falta de fomento e incentivo se torne algo marcante e decisório ao setor audiovisual. Fato atestado com a impossibilidade de realização da segunda edição dos festivais das cidades de Alagoa Grande, Cabaceiras, Monteiro e Picuí; e ainda através da descontinuidade dos eventos das cidades

11 As cidades que possuem salas de cinema convencional e também realizam festivais são: Campina Grande, João Pessoa e Patos. Mas, se ampliarmos esse panorama para todas as cidades da Paraíba perceberemos que os números sobem em apenas mais uma cidade, Guarabira. Assim, apenas 1,7% das cidades paraibanas possuem cinema.

12 Levando em consideração que a pirataria e os conteúdos disponíveis na internet, também ocupam lugar no que diz respeito a divulgação cinematográfica, mesmo que estes canais, na maioria das vezes, não distribuam obras paraibanas.

de Mataraca/Sagi e João Pessoa¹³ (que continuam na pesquisa diante da iniciativa e pela realização de uma edição com sucesso).

Como forma de ilustrar a abordagem e a perspectiva de estudo pretendida durante esta pesquisa, mais especificamente na etapa de pesquisa de campo, elaborou-se o infográfico que destaca os segmentos e setores envolvidos nesta análise, como visualizado na Figura 4; e, ainda, possíveis impactos a partir da relação entre cultura e desenvolvimento através dos Festivais de Cinema da Paraíba.

Através deste, reafirma-se a ideia defendida por Latour (2008) e Marques (2006) de que, a partir da compreensão dos atores em rede, suas articulações e dinâmicas, constrói-se um panorama de análise mais sólido, estabelecendo uma relação direta com a concepção estrutural de cultura adotada nesta pesquisa e apresentada por Thompson (2002), onde o mesmo destaca a importância da percepção ampliada e da contextualização social das formas simbólicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das delimitações feitas e dos conceitos teóricos aqui apresentados, podemos perceber que a relação de retroalimentação entre a cultura e a sociedade, pode se concretizar de diferentes modos e a partir de diversos arranjos sociais. Uma das formas de consolidação dessa retroalimentação pode ser vista a partir dos festivais de cinema, dos atores sociais que os compõe e ainda, das suas relações com: o local (turismo e desenvolvimento), as obras artísticas divulgados, os realizadores e produtores de conteúdo audiovisual e os aspectos econômicos e mercadológicos, por exemplo. Por sua vez, esses arranjos e/ou articulações e dinâmicas, necessitam de uma compreensão contextualizada: em que deverão ser analisados não somente as interações e os jogos de poder, mas também o contexto em que estão inseridos.

A construção da abordagem histórica feita durante este trabalho, mesmo que de forma breve e preliminar, sobre o processo de chegada do cinema e posteriormente, da criação dos festivais de cinema no estado da Paraíba; nos aponta para um lugar de interesse, contextualizado, amplo e complexo: a cadeia de produção audiovisual paraibana.

Assim, acredita-se que ao analisar os festivais de cinema da Paraíba sob o viés do desenvolvimento, propondo uma abordagem estrutural e contextualizada da cultura – vista não somente como algo simbólico, mas também mercadológico - torna-se essencial considerar todas as formas de desenvolver-se um lugar, uma pessoa, um grupo de pessoas, um território ou um evento.

¹³ Neste caso específico, estamos tratando do Jampa Film Festival.

Como resultados desse artigo, tem-se que diversos são os efeitos (sócio, econômicos e/ou culturais) produzidos com a efetiva consolidação da cadeia produtiva audiovisual na Paraíba e dos eventos de exibição cinematográfica realizados no estado. Reconhecemos, entretanto, que pesquisas futuras que venham a abarcar um maior escopo, poderão nos oferecer aspectos diferentes dos percebidos durante a execução deste estudo. E ainda que outros tantos aspectos possam surgir dos dados aqui apresentados, sendo estas as informações que podem ser melhor relacionadas com os objetivos e a abordagem construída ao longo deste.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Adeilma Carneiro. **Paisagem cinematográfica: o NUDOC e a Produção cultural nas décadas de 1980-1990**. 2009. Disponível em: <http://zip.net/byk9fc>. Acesso em: 20 set. 2013.

BARBALHO, Alexandre. **A política cultural segundo Celso Furtado**. In: BARBALHO, Alexandre. [et. al.], Orgs. **Cultura e desenvolvimento: perspectivas políticas e econômicas**. Salvador: EDUFBA, 2011.

BARQUERO, Antonio Vázquez. 2007. **Desarrollo endógeno - teorías y políticas de desarrollo territorial**. Investigaciones Regionales, España, n. 11, 2007, p. 183-210.

BRASILEIRO, Maria Dilma Simões. **Desenvolvimento e turismo: para além do paradigma econômico**. In: ____ (Org.). **Turismo, Cultura e Desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012, p.75-98.

CANUTO, Kleyton Jorge. **Luz, câmera, redes e ação!: os usos e apropriações das redes sociais pelo audiovisual paraibano e suas práticas sociais cidadãs**. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

CORIOLOANO. Luzia Neide. SAMPAIO. Carlos Alberto Cioce. **Discursos e concepções teóricas do desenvolvimento e perspectivas do turismo como indução**. In: **Turismo, cultura e Desenvolvimento**. Campina Grande: EDUEPB, 2012, p. 49-74.

DURAND, J. C. **Política Cultural e Economia da Cultura**. Cotia-SP: SESC/Ateliê Editorial, 2013.

FURTADO, Celso. **Ensaio sobre a cultura e o Ministério da Cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

_____. **Cultura e desenvolvimento em época de crise**. 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GAUDÊNCIO, Bruno. **Da cinética à Arte e Mídia**. 2007. Disponível em: <http://zip.net/bck8Rn>. Acesso em: 14 jul. 2013.

HOLANDA, Karla. **Documentário nordestino: mapeamento, história e análise.** São Paulo: Annablume, 2008.

LATOIR, Bruno. **Reensamblar lo social: una introducción a la teoria del actor-red.** Buenos Aires: Manancial, 2008.

LEAL, Antonio (Org.) **Festivais audiovisuais: diagnóstico setorial 2007/indicadores 2006.** Rio de Janeiro: Fórum dos Festivais, 2008.

_____, Antonio (Org.) **Painel setorial dos festivais audiovisuais/indicadores 2007-2008-2009.** Rio de Janeiro: Fórum dos Festivais, 2011.

LEAL, Wills. **Cinema na Paraíba / Cinema da Paraíba.** João Pessoa: Santa Marta, 2007.

_____. **O nordeste no cinema.** Salvador: Ideia, 1982.

LOPES, Fernando Dias. **Economia da Cultura.** Porto Alegre: Ministério da Cultura/UFRGS/EA, 2014.

MARQUES, Eduardo Cesar. **Redes sociais e poder no estado brasileiro: aprendizados a partir das políticas urbanas.** Revistas RBCS, v.21, n.60, 2006.

[ORICCHIO, Luiz Zanin.](#) **Cinema de novo: um balanço crítico da retomada.** São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidoscópio da cultura.** Porto Alegre: Manole, 2006.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TOLILA, P. **Cultura e Economia: problemas, hipóteses e pistas.** São Paulo: Itaú cultura/Editora Iluminuras, 2007.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna – Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ZAOUAL, Hassan. 2008. **Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições?** Caderno Virtual de Turismo, Recife, n. 2, 2008, v. 8, p. 1-14.